

Evarisio de Moraes e a Mocidade

Por *Evaristo de Moraes Filho*

(Para A ÉPOCA)

Disse em outro artigo que Evaristo de Moraes fôra sempre um moço. Disse, e nunca é demais repeti-lo. Apesar de tôdos os impelhos e contratempos encontrados ao longo da sua vida, jamais perdeu aquele entusiasmo jovem dos seus vinte anos. Em tôdos os seus empreendimentos, havia ainda muito daquela alegria criadora dos que têm a vida inteira ante os olhos, dos que esperam mais do que recordam. Ao entregar-se a qualquer trabalho, a uma tarefa de qualquer natureza — desde a profissional à mêmemente intelectual — sempre o fazia em um ambiente de alegria. Criação e alegria eram para êle palavras irmãs. Jamais as separou. Não se pense agora que essa alegria tivesse alguma coisa de gongórico, de bovarista ou de artificial. Longe disso. A sua alegria era bem a dêsse estado de espírito que envolve e condiciona toda a atividade intelectual orientada para um ideal elevado. Era essa alegria pura e desinteressada de quem se sente moço, de quem diz uma palavra nova ou de quem realiza alguma coisa de humanitário. Em tôda a sua vida, estiveram sempre presentes os seus ideais de moço. Jamais êle os renegou ou os esqueceu por qualquer conveniência de situação econômica ou posição política. Foi sempre moço, porque sabia que só a mocidade é capaz de desassombro, de desprendimento e de idealismo. Quasi tudo que existe de grande foi creado pela mocidade, disse-o Disraeli. Aliás, esse grande judeu, que mais tarde veio a se chamar Lord Beaconsfield, foi dos poucos que sempre se mantiveram fiéis aos seus ideais de mocidade. Porque, o mais comum, na proporção de noventa e nove por cem, é encontrar-se na vida gente como aquele colega de Universidade de que nos fala Upton Sinclair em um dos seus livros. O caso é que Sinclair tinha por companheiro de quarto e de estudos um rapaz pobre, fraco, pálido, grande ledor de Nietzsche e Schopenhauer. Tristíssimo, como tôdos os que saem da leitura do filósofo de Francfort, êle achava que o mundo devia ser reformado, que a vida como está não valia a pena de ser vivida. E enquanto esperava a reforma do mundo, fazia planos cheios de piedade, de redenção, de sacrifício. Ou a reforma, ou a sua morte. E nessa esperança ia se passando a sua mocidade. Mais tarde, depois de muitos anos decor-

ridos, Upton Sinclair, já celebre, se viu abordado em Nova York por um desconhecido. Era um homem gordo, rotundo, de vasto abdomen; de corrente atravessada no colete, charuto espetado entre os dentes, muito vermelho, com tôdos os ares da mais vitoriosa prosperidade. Sinclair não o reconheceu. E qual não foi o seu espanto ao saber que aquele ilustre-burguês nada mais era do que o seu antigo colega de Universidade... Em conversa com êle, disse-lhe Sinclair que desde há muito já o contava entre os suicidas, uma vez que o mundo continuava o mesmo, se não pior. Recordou-lhe, então, as intermináveis conversas que costumavam manter ao longo de seus passeios pelos jardins públicos. Só Upton Sinclair se recordava delas, porque o outro aderira aos senhores do mundo e desde há muito já as tinha esquecido... Quanto colega de Upton Sinclair anda aí por essa vida, e que até é capaz de matar quem lhes vier perturbar o sossêgo com recordações incômodas dos tempos universitários!

Meu Pai foi fiel aos ideais da sua mocidade. E fiel até o fim. Per valorizar assim tanto a sua, colocando-a acima de tudo, é que êle jamais deixou de respeitar também a dos outros. E para não trair a mocidade de tôdos os tempos, procurava lêr o que os moços lêem, lutar pelo que os moços lutam, acreditar no que os moços acreditam. Por isso, a idade nunca lhe pesou sôbre os ombros e toda a maldade do mundo não conseguiu conspurcar a pureza dos seus ideais. Só os grandes homens são capazes de caminhar por entre a lama sem manchar suas botas. Pelo contrário, há até os que purificam os caminhos por onde passam. E meu Pai foi dêsses, possuía a ingenuidade dos grandes corações.

Da mocidade de hoje, êle costumava dizer que é a mais estudiosa e culta do Brasil dêsses últimos quarenta anos. Dava como exemplo certos enganos e confusões cometidos por Sílvio Romero entre Positivismo, Spencerismo e Evolucionismo. E logo por Sílvio Romero, que era o Mestre do seu tempo em tais assuntos. Nenhum moço de hoje — dizia êle — dedicado aos estudos filosóficos, cometeria tais erros de interpretação ~~///~~ das doutrinas modernas e contemporâneas. Além de vêr e proclamar essa intensa curiosidade intelectual, essa inesgotável sêde de saber da mocidade de hoje, mostrava êle o desaparecimento progressivo dos grandes homens, dos grandes tipos representativos que enchiam tôda uma época de idealismo, de emulação e de glória. Dizia êle que, em seu tempo, os moços tinham modêlos a imitar, grandes exemplos a seguir, foi a época das duas mais belas transformações sociais no Brasil: A Abolição e a República. Ao passo que os moços de hoje olham para o horizonte e só enxergam o terreno sêco e batido, nenhuma arvore gigante, nem mesmo um sim-

ples arbusto, se destaca da vegetação rasteira. Não há sombras onde descansar da caminhada por êsse deserto. O moço de hoje tem de se refugiar na própria sombra. E conseguir isso é realizar um milagre.

Não houve festa de estudante em que êle deixasse de comparecer, uma vez convidado. Nunca se fez de rogado para falar entre êles. Em casa, esteve sempre às suas ordens. Qualquer moço que o procurasse para um conselho ou para uma consulta tinha a certeza que não sairía da sua presença sem estar completamente resolvida a dificuldade ou solucionada a dúvida. Gostava tanto dos moços e se sentia tão bem entre êles, que uma vez nos disse em casa durante o jantar: se me perguntassem agora qual o meu maior desejo, eu diria que é o de poder ser professor até aos 75 anos. Era entre os moços que êle encontrava o refrigerio para as suas lutas forenses. Era no idealismo puro dos seus alunos — colegas, como os chamava — que êle descansava da materialidade cada dia mais mesquinha do ganha-pão quotidiano.

Sempre que um estudante estava prêso, fosse de que crêdo fosse, êle lá estava pronto para defendê-lo de graça. E agora, que já desapareceu dentre nós o mais velho dos moços, nada mais resta a fazer do que declarar — permitam-me esta homenagem a meu Pai — que, felizmente, êle se enganára ao dizer que os moços de hoje não tinham exemplos a seguir. Sim, êle se enganou. E talvez por pairar sempre muito alto é que êle não viu a sombra imensa que nos proporcionava nêsse deserto. Êle foi o modêlo de nós tôdos, foi o exemplo que nós devemos imitar.